FILIADAS DA COLÓNIA DE FÉRIAS DA M. P. F. NA FOZ DO DOURO

Obra das Mãis pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina—Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 — Telefone 46134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Trav. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10—Lisboa

OUTUBRO 1942

Agora é, de novo, o trabalho.

Melhor — voltamos agora a outros trabalhos: outra vez a escola, o colégio o liceu, a universidade... Outra vez: aquele cotidiano muito nosso conhecido: — aquelas quási infinitas pequeninas acções do dia-a-dia doméstico e familiar...

As férias lá se foram. Bem passadas? — Mal passadas?... Problema da consciência que nem por ser sério deverá deixar de ser pensado, ainda que não seja senão para se reparar loucuras ou imprudência, preguiças... tempo perdido... e sabe Deus, e cada uma, o que mais que por lá ficou...

Muitas, ao findar as férias, sobretudo estas férias de verão, quási poderiam repetir, de certa maneira, esta palavra de um personagem de Lavedan: «J'aurai passé sur la terre en faisant ce qu'il y a de plus beau: des ruines».

* * *

Ruinas... Ruinas...

Ruinas cá dentro: inquietações na alma, virtudes em sobressalto, certos remorsos, lembranças tristes... E mais — e pior... Ruinas nos outros: influência do nosso exemplo, quem sabe até se acção directa (uma conversa... um olhar... um livro... um conselho...) sôbre os corações, se alguma vida partida, se alguma pureza fanada para sempre... As férias costumam trazer destas ruinas e destas desgraças — tempestade que deixou misérias, lágrimas, todo um lindo passado que já não é mais que uma recordação longinqua, uma sombra...

Recordar aqui o poeta:

Eu tinha umas asas brancas
Asas que um anjo me deu
. . . .

* * *

Ainda que não fôsse senão para reparar êsse passado das férias, êste ano escolar devia ser outro: isto é, diferente dos outros: mais amor ao trabalho, mais seriedade de viver, melhor ocupação da vida, mais e melhores desejos de dar à vida um sentido e um valor.

Mas há sempre o dever. Para lá de tôdas as razões, êste motivo máximo: devo cumprir. Só se vive plenamente quando se está no seu posto a pé firme, até ao último momento, atento às vozes da consciência.

Viver cumprindo!

A palavra de Psycari fica aqui tão bem:

«Não é possível que a verdadeira estrada seja aquela que não nos conduz a parte alguma.»

Viver sem um fito e um norte, empurradas pelas ondas do mar da mocidade, a imaginar castelos, nunca levou ninguém a uma vida cheia.

A lutar por chegar a alguma parte: querer um futuro com glória e com honra — querer com sangue ganhar a boa sorte de Deus — isto sim, é caminhar.

Tudo o mais são veredas de morte...

E é vêr o que por aí vai, santo Deus!...

Veredas de morte... vidas mortas: missões por cumprir...

— *Novo ano escolar?*

— Presente! — Cumprirei!

G. A.

Colónia de Férias DA M.P.F. NA FOZ DO DOURO

2.º Turno

O dia 20 de Agosto amanheceu belo! O sol brilhava com mais fulgor no azul imenso do céu, os cânticos dos passarinhos eram mais alegres, e as ruas da «cidade invicta», inundadas de luz mais pura, pareciam mais animadas.

A's quatro e meia estavamos tôdas na Delegacia e, pouco depois, partiamos para a Foz. A' medida que nos aproximávamos da praia alvoraçavam-se os nossos corações jóvens à vista do mar que, para nós, tem sempre encantos.

A' descida do eléctrico esperava-nos a Senhora Directora que recebeu a tôdas com maternal carinho, atraindo os corações das raparigas.

Mal chegámos à Colónia fomos vestir as batas, tôdas do mesmo feitio e do mesmo tecido, para não haver diferença entre as filiadas que aqui, como em tôda a parte, são irmãs.

Para que se possa fazer uma ideia da vida simples da Colónia basta descrever um dia. Outros passaram-se de uma maneira semelhante, mas nem por isso nos agradaram menos, o que prova que o regulamento estava perfeitamente adaptado à mocidade.

A's sete e meia tocava a campainha para nos levantarmos e vestirmos. As mais velhas e as graduadas ajudavam solicitamente as pequenitas que não podiam pentear-se sòzinhas. Rezávamos a oração da manhã, faziamos as camas e às nove horas iamos almoçar. Em seguida içava-se a bandeira, cerimónia sempre cheia de solenidade, cantando o Hino da Mocidade.

E, sempre alegres, partiamos para a praia. Ali tôdas se divertiam imenso, ou brincando, dirigidas pelas Instrutoras, ora fazendo na areia castelos que as ondas levavam para longe, na ânsia de tudo arrastarem na sua passagem. As que conheciam menos o mar passavam muito tempo a contemplá-lo, mergulhando os olhos encantados na imensidade das suas águas, umas vezes tão serenas, parecendo beijar os rochedos, outras vezes tão agitadas, ameaçando destruí-los. E as transmontanas talvez recordassem com saudade as suas montanhas, a aldeia escondida entre as oliveiras, todos aqueles lugares que lhes eram tão queridos.

A hora do banho era contudo a mais animada. Tôdas

Filiadas da Colónia de Férias da M. P. F. na Foz do Douro

gostavam de estar na água e, quando era preciso voltar a casa para o almôço, queriam ainda lá ficar mais tempo.

Satisfeitas, subiamos a rua ladeada de choupos que carinhosamente nos abrigavam do sol.

Acabado o almôço, brincava-se no quintal até à hora do descanso, que tanto custava a algumas, pois prefeririam continuar na brincadeira.

Ao meio da tarde serviam-nos a merenda, e de novo desciamos a rua do Crato, em direcção à praia. Passávamos o tempo como de manhã, sempre alegres e bem dispostas, como é próprio da gente nova.

A's sete e meia vinhamos para o terço, seguindo-se o descer da bandeira. Desta vez o nosso Hino cheio de vigor e entusiasmo era geralmente substituido pelo cântico de despedida do dia «Desce o sol sôbre o mar...» que reproduz bem a paz e a melancolia do entardecer.

A's oito era o jantar, depois do qual se jogava no quintal ou se dansava no salão, agora mais animado com as nossas brincadeiras do que com as festas que outrora ali se realizavam.

A's dez iamos para a cama. Rezavamos a oração da noite, tão simples e tão pequena, agradecendo a Deus aquele dia que findava e haviamos de recordar com saùdade pela vida fóra.

A's vezes o mau tempo não nos deixava ir para a praia, mas contudo não ficavamos fechadas em casa. Dávamos pequenos passeios ao *Passeio Alegre*, ao *Castelo de Queijo*, etc.

Certa manhã dirigimo-nos a um lugar menos povoado, no meio de campos. Saltámos, dansámos e divertimo-nos, como pássaros a quem abriram a gaiola, mas, surpreendidas pela chuva, depressa tivemos de voltar para casa a correr. Chegámos molhadas, mas contentes, pois a *Mocidade*, mesmo que chova, caminha sempre «cantando e rindo».

No dia 31 de Agosto a nossa Delegada Provincial, Sub-Delegada Regional e a nossa querida Directora foram cumprimentar oficialmente o Senhor Bispo, acompanhadas por três graduadas do Pôrto e uma filiada de Bragança que representavam tôda a *Mocidade*. O venerando Prelado recebeu-nos paternalmente, mostrando grande simpatia pela organização. Confiou-nos a transformação moral da sociedade, sendo mulheres fortes como as do passado. E nos seus olhos, úmidos de comoção, lia-se a esperança num Portugal melhor, mais cristão.

Uma das tardes mais divertidas foi a do nosso passeio a Leça. As mais pequenas e as mais fracas foram de eléctrico, as outras a pé pela Avenida Montevideu, com as casas de terraços e minaretes, os seus jardins voltados para o Oceano, através da praia do Castelo do Queijo, com o forte quadrangular debruçado sôbre o Atlântico, e da praia Azul e de Matozinhos. Visitámos o Pôrto de Leixões e merendámos na praia

(Continua na pág. 13)

13 de Setembro
Florindo um Cruzeiro

CONTRASTES

NEM sempre os contrastes se repelem; muitas vezes se dá o contrário. Diante de certos contrastes, assim aproximamados, quedamo-nos por vezes enternecidas, como, por exemplo, ao contemplar a fotografia que acompanha esta página: mãos de avó, enrugadas e cansadas, enlaçadas às mãos do neto, botõezinhos por abrir, que do mundo não conhecem ainda os trabalhos nem os desenganos...

Estas mãos de vèlhinha — em contraste tão grande com as mãos da criança — fazem-nos pensar no *contraste* imenso entre a velhice e a infância: contrastes que se atraem...

Essas mãos gastas, deformadas, dolorosas, são a imagem duma vida consumida pelos anos, numa longa tarefa de trabalho quási concluida, num contacto prolongado com as asperezas do destino...

E o rosário que lhe pende das mãos afigura-se-nos feito de lágrimas cristalizadas em contas — enfiadas de orações e de saüdades — em que a fé transformou as suas dores...

Mas essas mãos de vèlhinha, tão gastas, ainda sabem rezar; tão cansadas, ainda sabem ser úteis; tão dolorosas, ainda sabem afagar...

E essa infância, cuja frescura e inocência estão em contraste tão grande com essa velhice desbotada e usada, vivem uma da outra, como o sol que se põe e a lua que nasce, recebendo, a vida que começa, a luz da vida que se extingue.

A vèlhinha, unindo nas suas mãos rudes e negras as mãos macias e brancas do pequenito, para o ensinar a rezar, faz-nos pensar nas pedras de que salta a centelha de lume que irá acender o fôgo da fé e o amor de Deus nessa almita!

As crianças, na sua inconsciência, mal avaliam o que recebem dos velhinhos a quem se aconchegam... Ensinemos-lhes nós a **amá-los**, a beijar com respeito as mãos que os acarinham e abençoam.

COCCINELLE

Qual o objectivo dêste curso introduzido nos programas das actividades da organização feminina da M. P.?

A Formação Nacionalista propõe-se a integrar as jóvens portuguesas no Amor da Pátria e a despertar nelas o desejo de a Servir incutindo-lhes as Virtudes que devem cultivar para desempenharem o papel que lhes está reservado na renovação e engrandecimento de Portugal. E como o culto da Pátria não pode surgir nem manter-se senão pelo conhecimento das realidades históricas que deram origem à Nação e que a tornaram independente e próspera e a valorizaram não só dentro das fronteiras mas perante o resto do mundo, o ponto de partida para a formação patriótica das nossas raparigas é dar-lhes a **conhecer Portugal**: o que êle foi no passado, o poder vivificante e renovador das suas *tradições* tão nobres, tão «suas» que são a razão de ser da sua existência; o que êle é no presente, depois da era de ressurgimento iniciada pela Revolução Nacional de 28 de Maio de 1926; e, por último, as extraordinárias possibilidades que êle nos oferece para consolidar e prosseguir o seu engrandecimento e continuar a sua vocação histórica de nação Civilizadora.

Na «cuidadosa preparação das gerações futuras», da qual depende o Portugal de amanhã, torna-se indispensável dar aos novos o *sentimento da realidade nacional* e a noção exacta das suas responsabilidades no futuro da Pátria. Só assim poderão *amá-la até ao sacrifício* e ambicionar *servi-la* com grandeza, com lealdade, com coragem, com alegria e são optimismo. Tôda a obra de educação e de valorização nacional só será fecunda se nos dermos ao «trabalho persistente da descoberta interior», de que fala Salazar, e que consiste precisamente no conhecimento da riqueza do «património lusitano, latino e cristão» que conta já 8 séculos de História assistida pela Providência.

Com êste objectivo, estudam-se particularmente na Formação Nacionalista os princípios morais e patrióticos que informam o equilibrado Nacionalismo do Estado Novo Português e que o distinguem das organizações políticas estrangeiras.

Procura-se definir a personalidade inconfundível de Salazar, apontando-o não só como o realizador da restauração económica e política do país, mas, também, e, sobretudo, da Reforma Moral tão necessária na nossa Pátria e que é a base de tôda a reconstrução nacional.

Dentre as principais realizações dêste movimento reformador, dedica-se especial atenção ao papel preponderante que a **Família** representa na orgânica do Estado Novo, à importância fundamental das Reformas Sociais — que têm por base o Estatuto do Trabalho Nacional — e ao alcance patriótico da nossa Política Colonial.

No aspecto pròpriamente educativo são analizadas, em particular, a Obra das Mães pela Educação Nacional e a Mocidade Portuguesa Feminina, expondo-se às alunas os fins destas duas instituições.

No que diz respeito à nossa política internacional, salientam-se os factos que mais têm contribuído para impôr o nosso país ao respeito das outras nações, esclarecendo que o nosso nacionalismo, «fugindo aos extremismos dum e doutro lado», se inspira nos *sentimentos de amizade e de respeito pelos outros povos* sem prejuízo dos interêsses nacionais e dos princípios de «unidade» e de «personalidade» indispensáveis à defesa política e moral da Nação Portuguesa.

No decorrer do ano lectivo, vão-se fazendo referências ou ligeiros comentários aos mais importantes acontecimentos internacionais que forem surgindo e que possam interessar à formação nacionalista.

Todo o nosso esfôrço é *interessar*, tanto quanto possível, as alunas nos assuntos expostos, reservando aulas para conversar com elas sôbre os diferentes problemas que se vão tratando. E o nosso curso termina com o estudo dos principais valores femininos da nossa História que ajudaram heròicamente a construir e a reconquistar a Terra Portuguesa e a prolongá-la até às regiões longínquas de Além-Mar. Nessa evocação das heroinas da História Nacional, exaltam-se não só a valentia das Mulheres que manejaram armas para a defesa da Pátria ou que chegaram a assumir o govêrno da Nação, mas, ainda, as *Virtudes* daquelas portuguesas ilustres que, vivendo para o seu Lar no cumprimento do Dever Sagrado de Espôsas e Mães e praticando gloriosamente a Caridade, ou dedicando a Deus a sua juventude, contribuiram, não menos valiosamente, para a dignificação do nome de Portugal.

No ensino da Formação Nacionalista não se pode ser alheio à Formação da consciência, à educação do carácter e ao desenvolvimento daquelas qualidades e atributos tão próprios da Mulher sem as quais ela não poderá ser o esteio da Família e, por conseqüência, a colaboradora no renascimento da Pátria. A finalidade em vista é, pois, e em resumo, formar raparigas com um Ideal, conscientes dos seus deveres de Cristãs e Portuguesas e convictas da necessidade de cooperarem, pelas suas virtudes, pelo seu aperfeiçoamento moral, na conquista dum Portugal Maior.

"Nós temos uma doutrina (dominada pela Moral) **e somos uma fôrça"!** É o que a nossa juventude precisa dizer e *sentir* com Salazar depois de lhe termos feito chegar à inteligência e ao coração as

Grandes Certezas da Revolução Nacional

apontadas pelo Chefe, e que são

«DEUS

PÁTRIA

E FAMÍLIA»

Maria de Lourdes da Fonseca Ribeiro

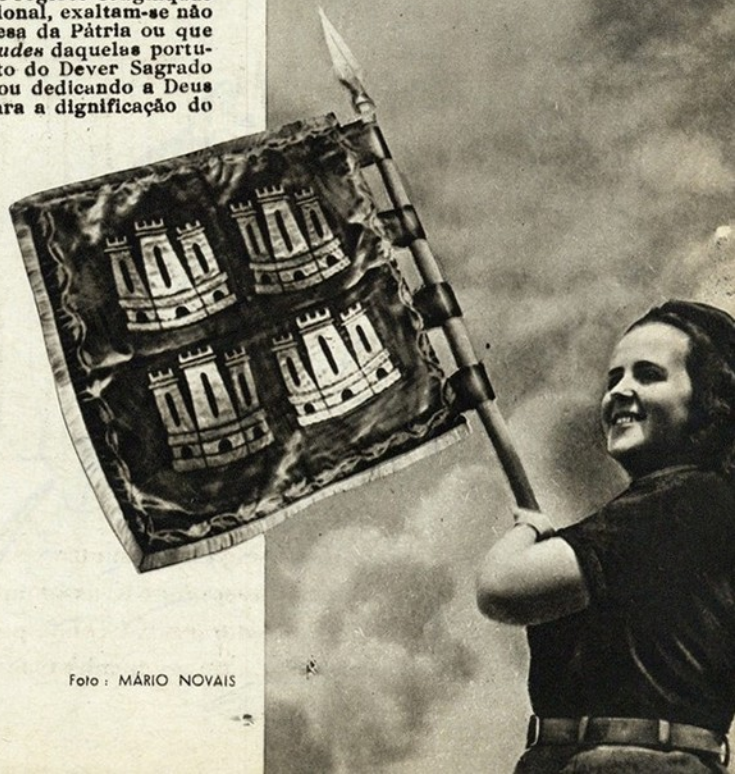



Foto: MÁRIO NOVAIS

As Nossas Raparigas

Um jornal americano abriu um concurso sôbre êste tema:

"Que faremos das nossas filhas?"

A resposta que ganhou o prémio indicava as seguintes qualidades como sendo as mais desejáveis para as raparigas: *boas cristãs; sérias; trabalhadoras; económicas; sensatas e positivas.*

Concordamos absolutamente. Porisso, vamos dar a resposta completa que foi publicada no jornal americano acrescentando-lhe algumas palavras de comentário.

1.° — Boas Cristãs

«*Faremos das nossas filhas* boas cristãs. *Sôbre o terreno da religião iremos tão longe quanto possível, até à piedade sólida e bem ordenada. Sôbre êste ponto nunca se fará demais: a mulher forte é sempre a mulher profundamente religiosa*».

Este 1.° ponto da resposta é perfeito. Como base de tôda a perfeição moral põe a religião, sem a qual tudo fica edificado no ar.

Também na M. P. F. pensamos assim, e, desejando fazer das nossas raparigas «mulheres fortes», procuramos dar-lhes uma sólida formação moral e religiosa, que lhes ilumine a inteligência, lhes forme a vontade e as prepare para a vida.

Na M. P. F. o ensino da moral e da religião não se separam nunca, porque essa dupla formação tem um ideal único: iluminar, corrigir, elevar, para tornar mais perfeita a vida.

A religião verdadeira não consta apenas de dogmas em que acreditamos; é composta também de preceitos e conselhos que devemos praticar.

Não, no campo religioso, nunca se irá longe de mais. Os exageros e desordens são sempre erros de inteligência mal esclarecida e de piedade mal entendida.

2.° — Raparigas sérias

«*Faremos delas* raparigas sérias. *A virtude será sempre o mais belo enfeite da rapariga cristã, um bem que excede todos os outros, mesmo a fortuna e a beleza*».

A seriedade não é contrária à alegria nem tolhe a espontaneidade dos sentimentos.

Uma *rapariga séria* é uma rapariga que possue um ideal e não transige com o mal que a pode diminuir ou enxovalhar.

A virtude é a sua riqueza, a graça a sua formosura. E estes dotes valem bem mais do que um «dote» em dinheiro contado.

Também nós, na «Mocidade», desejamos que as nossas raparigas sejam *sérias.*

Sérias, sabendo rir...

Sérias, possuindo o dom de agradar...

Mas isentas da frivolidade que coloca mal aos olhos de Deus e dos homens.

3.° — Raparigas trabalhadoras

«*Faremos delas* raparigas trabalhadoras, *amando o trabalho, qualquer que êle seja, como uma grande coisa, pois que êle é o dever. Há, infelizmente, muitas raparigas que só sabem* fazer de senhoras. *Deve-se-lhes ensinar a preparar convenientemente uma refeição, a lavar, passar a ferro, etc.*»

Na «Mocidade» está em honra o trabalho. Procura-se despertar nas filiadas o gôsto pelos serviços domésticos femininos.

Nas aulas de trabalhos manuais aprendem a coser, a passajar, a remendar e a fazer roupinhas para os pobres e para elas próprias.

Nas aulas de ensino doméstico vêmo-las ocupadas com actividade e satisfação nos trabalhos caseiros: arranjos da casa, culinária, etc.

Nas aulas de 1.os socorros aprendem a tratar dos doentes: tôda a mulher deve ser uma enfermeira carinhosa, para a familia e os pobres.

O que em tôdas estas lições se aprende, vale muito, mas o seu maior proveito será talvez vencer preconceitos errados que fazem dos trabalhos domésticos qualquer coisa de inferior e habituar as raparigas a serviços pelos quais vão tomando gôsto e dos quais depende tanto a felicidade do seu futuro lar.

A formação familiar dada na M. P. F. contribuirá muito para corrigir êsse defeito que a resposta americana aponta: raparigas que só sabem *fazer de senhoras*, isto é, que preocupadas consigo mesmas são manequins que sorriem e fazem vénias, julgando que *ser senhora* é só parecer bem, e mandar e ser servida...

Na «Mocidade» queremos as nossas raparigas com outra mentalidade. Queremo-las *senhoras* no porte e na dignidade, mas *operárias* da sua própria felicidade, ocupadas em trabalhos que amam e compreendendo que o trabalho é dever de pobres e ricos, como é condição de felicidade de ricos e pobres.

(conclui no próximo número)

Maria Joana Mendes Leal

NOTÍCIAS DA M.P.F.

SILVES

Silves: A bandeira da M. P. F., depois da sua bênção na Sé

BENZEMOS A NOSSA BANDEIRA

A M. P. F. de Silves ao saber que em breve teria uma bandeira, quiz dignamente recebê-la.

E de que melhor maneira o faria senão homenageando Deus? Assim as filiadas prepararam-se para receber a Jesus nêsse dia e muitas delas pela primeira vez.

Apesar da festa ter um carácter oficial, foi tão simples tudo, foi bem uma festa da M. P. F.; flôres, muitas, flôres: alegria pura que transparecia nos olhos de tôdas, ternura de muitos corações generosos que públicamente benziam o seu estandarte, que levado depois pelas suas mãos firmes e puras, seria de futuro o seu exemplo.

Inclinada diante de Deus como a tinhamos visto na Santa Comunhão, indica-nos a nossa Bandeira que só aí há fôrça para a manter depois, erguida e respeitada, em frente de todos.

Um pavilhão designa combate, mas como é diferente o nosso, de todos os outros...

A cruz de Ourique em fundo branco que lição grande. — Almas brancas; puras «para que a nossa vitória, o nosso mais belo feito, há-de ser gravar nas almas a cruz que temos no peito».

Terminada a Missa e ao ecoarem pelas abóbadas seculares da linda e magestosa Sé de Silves os acordes da «Mocidade Lusitana» — numa última prece eu roguei a Deus pelas minhas filiadas.

— Fazei Senhor que nos corações que há pouco vos receberam reine sempre a pureza para que elas sejam dignas de continuar a honrar a sua bondade e de Vos tornar mais conhecido e amado, para realizarem o nobre ideal da M. P. F.

«Arvorando as lusas quinas
nossa luz, nosso fanal
nós somos as sentinelas
da alma de Portugal»

Directora do Centro n.º 1

Grupo de Lusas e Vanguardistas no castelo de Silves, onde estiveram, em preito de homenagem, no dia da bênção da sua bandeira

FARO

Faro: Algumas das filiadas com as suas dirigentes

Acção Social. — *1.º) Em especial, os Centros n.os 1 e 7 desenvolveram entre as filiadas o gôsto pelo trabalho a favor dos pobres: estão feitas inúmeras peças de vestuário para velhos e crianças que vão ser distribuidas como final das actividades. Algumas das peças do Centro n.º 7 ficam reservadas para completar enxovais de recém-nascidos, a entregar no «Dia da Mãe».*

2.º) Pelo Centro n.º 1 foram fardadas duas filiadas pobres; foram dados sapatos a outra e ainda reserva o mesmo Centro algum dinheiro para pagamento de propinas de exames às mais necessitadas.

3.º) A pedido do Centro n.º 1, a Sub-Delegacia dará o auxilio de 150$00 para uma Carta de Curso, de uma graduada pobre, que à mingua dela, não poderia apresentar-se a exame na Faculdade de Ciências.

Faro: Exposição de trabalhos das Filiadas

4.º) No Colégio Farense, séde do Centro n.º 2, estudam a cargo da Sub-Delegacia, no que respeita a despesas extraordinárias, duas filiadas (infantas). O Colégio oferece o ensino.

Exposição. — *Foi feita numa sala do Liceu João de Deus uma Exposição de trabalhos das filiadas dos diferentes Centros. Todos, à excepção do Centro n.º 2, mandaram seus trabalhos, alguns de boa e artistica execução. Na Exposição, onde havia lindos trabalhos, mereceram dignos elogios os apresentados pelo Centro n.º 7.*

O Júri, nomeado pela Delegacia, escolheu seis trabalhos — três do Centro n.º 1 e três do Centro n.º 7 — que foram mandados para Lisboa, com destino à Exposição do V Salão de Estética. Um dêsses trabalhos era de carácter literário.

Várias — *(contributo da M. P. F. em festividade civicas e religiosas, etc.)*

Foram as filiadas da M. P. F., de Faro, convidadas a comparecer fardadas e com bandeiras nas seguintes festividades:

1.º) Sessão solene, no Cine, de comemoração do XXV aniversário da Aparição de N.ª Senhora, em Fátima, e consagração de Sua Santidade o Papa Pio XII;

2.º) Sessão Solene promovida, pela Legião Portuguesa para festejar o XVI aniversário da Revolução Nacional;

3.º) Procissão de «Corpus Christi», no dia 4 de Junho de 1942. Sempre as acompanhou a respectiva Directora do Centro.

A Sub-Delegada Regional
Maria Ascenção Gomes

LOULÉ

As filiadas do Centro n.º 1 batisaram duas crianças durante o ano lectivo.

No Centro n.º 2 as filiadas socorreram materialmente creanças pobres, custeando a aquisição das roupinhas confeccionadas e oferecidas no dia 8 de Dezembro.

VILA VIÇOSA

Um quadro da peça «O sonho da Avó», representada pelas filiadas numa festa do Centro

Nesta sub-Delegacia as filiadas ajudam todos os dias à distribuição de almoços a 50 alunas das mais pobres da Escola Primária, sendo para êsse fim escaladas e orientadas por uma Dirigente.

Na mesma sub-Delegacia distribuiram as filiadas pelo Natal e Páscoa, às filiadas mais pobres, as seguintes peças de vestuário: 50 blusas de malha; 50 saias de lã; 50 vestidos de chita; 20 pares de sapatos.

As ceifeiras do grupo «O meu Alentejo», das Filiadas do Centro de Vila Viçosa

VILA REAL

Fotografias que encantam. Carinhas risonhas e inocentes. Elegante exposição de trabalhos. Tudo de Vila Real, a linda terra que teve o título de real talvez por ter o rei D. Diniz dela feito doação a sua santa esposa D. Isabel de Aragão.

Estive em Vila Real a 14 de Dezembro do ano passado. Tive o gôsto de verificar o zêlo, a actividade e a dedicação da nossa Sub-Delegada Regional, Ex.ma Senhora D. Maria do Céu Costa Lobo.

Foi no dia da Mãe. Duas festas reunidas: a entrega pela O. M. E. N. de um prémio pecunário a duas famílias numerosas do Distrito e a distribuïção de 32 enxovais a crianças pobres, pela M. P. F.

O Teatro Avenida estava cheio. Por todos os lados rostos juvenis, fardas castanho-verde, rapazes e raparigas da M. P.

Pela primeira vez tenho a impressão de que Vila Real se associa plenamente ao espírito da festa que se está a realizar.

A Caridade vai ter a sua hora de merecida exaltação para logo se recolher modesta e bemfazeja, como ensina o Evangelho. Em homenagem à Mãe, palavras graves de ternura e meditação obrigam os filhos a pensarem no seu dever de amor para com suas Mães, mas logo cantos vibrantes das nossas filiadas dão a nota de esperança no futuro.

Rapazes e raparigas, ao serviço do Estado Novo que as conduz a Deus pela vereda segura do nacionalismo cristão, encontram-se reunidos na mesma sala, e serão amanhã, na sua grande maioria, os ministros do Lar português, lar-santuário, tão terno e simpático, sob a protecção da Virgem Maria.

Um grupo de filiadas: «carinhas risonhas e inocentes»

Hora feliz! Deram a honra da sua presença a esta festa o Ex.mo Governador Civil de Vila Real, estimadíssimo pelo seu grande amor à pobresa e pelo impulso que tem dado a tôdas as iniciativas de beneficência que tem aparecido nêstes últimos anos em Vila Real e no Distrito; e Sua Excelência Reverendíssima Senhor Dom António Valente da Fonseca, fazendo ouvir a sua palavra prestigiosa, abençoando as duas nobres organizações ali representadas — a O. M. E. N. e a M. P. F.

Exposição de trabalhos das iliadas da M. P. P.

A meu lado, o Senhor Delegado Provincial da M. P. mostra-se interessadíssimo e diz-nos: «Que belo programa de Educação Feminina».

Exacto. Exactíssimo! É o que se deduz de tôda e qualquer reünião da M. P. F. O nosso programa moral, cívico e religioso é completo e perfeito.

Delegada Provincial do C. N. da M. P. F. em Trás-os-Montes e Alto Douro

Maria Adelaide da Silva Paiva

Na aula de trabalhos manuais

Lar

TRÊS RECEITAS COM BANANAS

TORTA DE BANANAS E NOZES

4 ovos
1 1/2 chávena de farinha
2 chávenas de açúcar
1 colher de chá de fermento
6 bananas
2 chávenas de creme «chantilly».

Batem-se as gemas com o açúcar e junta-se-lhes a farinha já misturada com o fermento e depois as claras batidas em castelo; deita-se em fôrma de abrir e vai a cozer em forno forte.

Depois de frio, cobre-se a metade inferior com «creme chantilly» e sôbre êste dispõem-se parte das bananas cortadas às rodas; coloca-se então a metade superior, que igualmente se cobre com uma camada de «creme chantilly» sôbre a qual se dispõem as restantes rodas de banana e nozes.

PANQUEQUES DE BANANA

2 colheres de farinha
2 ovos
Leite
Bananas
Manteiga
Sal

Desfaz-se a farinha com os ovos, mexendo bem, junta-se o leite e torna-se a mexer de maneira que não fique ralo nem muito grosso. Cortam-se as bananas às rodelas e misturam-se na massa. Na manteiga, a que se juntou uma pitada de sal, fritam-se pedaços desta massa. Servem-se polvilhados de açúcar e canela.

A banana contém várias das tão desejadas vitaminas, tais como a A, anti-infecciosa e estimulante do crescimento; B, que interessa mais especialmente à assimilação dos hidratos de carbono; e C, anti-escorbútica e anti-anémica.

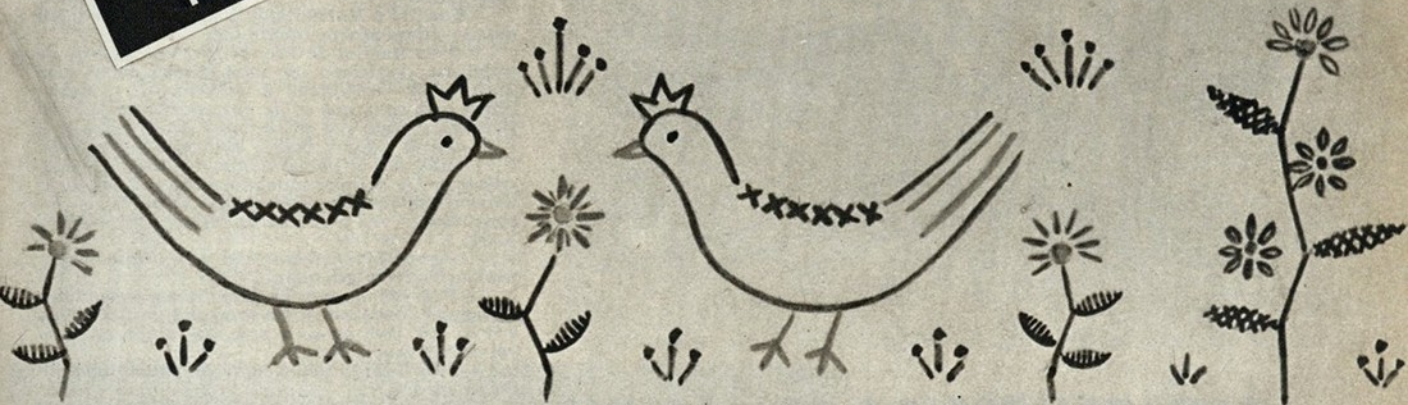
É de fácil assimilação, graças ao açúcar, que contém em grande quantidade, e torna-se assim um meio fácil de atenuar a fadiga causada pelos esforços físicos.

PUDIM DE BANANA

4 a 5 bananas
6 fatias finas de pão
1 colher de sopa de manteiga
2 ovos
1/2 litro de leite
Açúcar
Passas sem grainha

Numa fôrma untada com manteiga, colocam-se camadas alternadas de fatias de pão e de banana, tendo à mão a manteiga derretida que se vai deitando sôbre as camadas de pão, assim como as passas e o açúcar que se espalham por entre as camadas de pão e de banana. Batem-se os ovos, misturam-se com o leite e deitam-se sôbre o pudim. Coze-se em forno bem quente durante 25 a 30 minutos. Polvilha-se com açúcar.

TRABALHOS DE MÃOS

LENÇOL PARA BERÇO OU CAMA DE CRIANÇA

Esta dobra de lençol, facílima de fazer em ponto pé de flor, ponto de cruz e uns ligeiros pontos de fantasia, é deveras encantadora na sua simplicidade.

Os pássaros podem ser bordados em amarelo claro e as flores em côr de rosa e azul. As fôlhas verdes. Devem-se escolher tons suaves. Êste lençol poderá servir para alindar o berço dum dos vossos irmãositos ou para os berços que a M. P. F. oferece na "Semana da Mãe".

COLÓNIA DE FÉRIAS DA M. P. F. NA FOZ DO DOURO

(Continuação da pág. 5)

de Leça, menos rochosa que a nossa e com um vastíssimo areal. Brincámos imenso em tôda a tarde e, antes do regresso, assistimos ao terço e à Benção na Igreja. Voltámos a casa cansadas do passeio, mas felizes e, como sempre, «cantando e rindo».

Há ainda a registar uma visita ao Aquário, que sobretudo deve ter interessado as transmontanas, pois muitas do Pôrto já o conheciam.

Mas o dia que mais saüdades nos deixou foi o da festa de despedida do grupo. De manhã ouve Missa e comunhão geral, aproximando-se 80 filiadas do Sagrado Banquete. Tudo decorreu com muita ordem e recolhimento, mesmo da parte das que menos frequentavam os Sacramentos. Foi uma consolação para as nossas Dirigentes e certamente as recompensou um pouco dos sacrifícios que fazem por nós. O celebrante fez-nos uma pequena prática alusiva ao acto, lembrando-nos que não viemos buscar à Colónia apenas o restabelecimento físico, mas devíamos levar daqui um pensamento novo que iluminasse de futuro tôda a nova vida: cuidar do corpo, mas não deixar nunca morrer a alma. Era afinal o que a nossa Directora nos recomendara na véspera: «pensar sempre que viemos de Deus e vamos para Deus».

De tarde as maiores foram vêr o filme «Nada de novo no Alcazar» e as pequenitas ao Palácio de Cristal.

No dia seguinte a Senhora Directora mostrou-nos quanto havia de amor de Deus e de sacrifício pela Pátria na fita a que nos tinha levado e a lição que ela representava para nós.

A' noite tivemos a nossa récita, que estava preparada para recebermos a nossa Comissária Nacional, que infelizmente não veio ainda neste turno. Constou de ginástica, dansas regionais e recitativos pelas filiadas. A ela assistiram as nossas Dirigentes que se mostraram satisfeitas pela surpresa que lhes tínhamos preparado.

Assim se passou o 2.º turno da Colónia de férias. Tôdas levámos saüdades e desejo de voltar para o ano, se nos fôr possível. Vamos mais fortes, física e moralmente, mais confiantes em nós e num futuro que será nosso. Somos novas agora, àmanhã seremos mãis e esposas. Uma grande responsabilidade pesa sôbre nós, porque encontramos as luzes que faltaram a outras gerações, e Portugal será grande como é grande o nosso coração e a nossa vontade de o servir cada vez mais, cada vez melhor.

É êste o desejo de tôdas as filiadas que estiveram neste turno, a começar pelas transmontanas, que vão resolvidas a trabalhar muito pela *Mocidade* no ano que vem.

Foz do Douro, 6|9|942

MARIA ROSA DE JESUS VIEIRA
Filiada n.º 3.098 — Centro n.º 2 — Ala n.º 1
Província do Douro Litoral

PAGINA DAS LUSITAS

Por MARIA PAULA DE AZEVEDO

TAGARELICES DA SR.ª MARIA

— Vamos hoje à história do Alcaide de Coimbra *— declarou a Sr.ª Maria, sentando-se na sua cadeirinha baixa, com os óculos acavalados no nariz.*

— Que é isso de Alcaide, Sr.ª Maria, — preguntou Vera.

— E' como quem dizia procurador. *Naqueles tempos reinava em Portugal um rei chamado...*

— D. Sancho II! — exclamou José Manuel.

— E êsse rei — continuou a velhota — vinha a ser neto de D. Afonso Henriques.

— Os reis antigos nunca tinham nomes como nós temos? — preguntou Alicinha.

— Que patetinha! — troçou José Manuel — Então não te lembras de D. Pedro, D. João, D. Manuel, D. José...

— Basta, basta, menino: vamos ao que importa — cortou a Sr.ª Maria — Reinava, pois, na nossa terra D. Sancho II, um rei muito infeliz a quem não faltaram desgôstos. E para juntar maior tristeza aos desgôstos que já tinha lembrou-se o irmão, que se chamava Afonso, de se meter às bulhas com êle: e bulhas foram elas que D. Sancho viu-se abandonado de todos e retirou-se para Espanha, para uma cidade chamada Toledo.

— Meu pai já lá esteve — declarou Maria Domingas.

— Não vem nada para o caso — observou Ana Rita.

— E porque eram essas brigas entre os irmãos? — preguntou Alicinha.

— Por muitas e muitas razões. Embora D. Sancho II fôsse um valentão como tinha sido o pai e o avô, e batalhasse contra os mouros como êles, talvez não tivesse geito para governar, nem a autoridade que devia ter. E o irmão Afonso, que era inteligentissimo e tinha casado com uma condessa francesa esperta como um alho, começou a fazer intrigas para ver se tomava o lugar de D. Sancho no trono.

— Fartou-se de ser antipático — declarou Maria Joana.

— A menina bem vê que os reis têm de pensar sempre mais nos interêsses das terras que Nosso Senhor lhes entregou para governarem do que lá nos seus gostos e nas suas idéias dêles. E êsse mano de D. Sancho, que depois se chamou D. Afonso III, via a Nação a cair num grande sarilho! Ninguém se entendia, e o pobre rei, que demais a mais andava apaixonado por uma senhora espanhola com quem casou...

— E que não prestava para nada — comentou José Manuel.

— D. Mecia Lopes de Haro — disse Ana Rita.

— Que sabichões!! — suspirou Vera.

A Sr.ª Maria continuou:

— O que é certo é que D. Afonso, irmão de D. Sancho II, não quis saber de mais nada: tomou conta do govêrno logo que viu o mano em Toledo e todos os governadores, a alcaides, lhe vieram entregar as chaves das cidades.

— Então as cidades fechavam-se à chave?! — preguntou Margarida.

— A menina esquece tudo! Então as portas do castelo de Lisboa, não se lembra? — preguntou José Manuel.

— Que até o Martim Moniz se atravessou numa delas — disse Maria Domingas.

— Mas Martim de Freitas, *que era alcaide de Coimbra, guardava as suas chaves muito bem guardadas — continuou a velhota — E declarou alto e bom som, que só as entregaria ao seu rei D. Sancho, visto que da sua mão as recebera!*

— Fazia muito bem — exclamaram alguns.

— Mas daí a pouco tempo, roìdinho de desgôstos por se ver abandonado, o pobre D. Sancho II morria em Toledo: e como não tinha filhos foi proclamado rei o irmão, D. Afonso III o Bolonhez.

— Agora já o alcaide lhe podia dar as chaves — observou Alicinha.

— Pois não as queria dar, fiquem os meninos sabendo! Resolveu meter-se a caminho de Toledo e ir lá, ver com os seus próprios olhos, se o seu rei estava morto ou não.

— Mas o rei já devia estar no caixão quando êle lá chegou!

— E estava! Martim de Freitas mandou abrir o caixão de D. Sancho II e só então se convenceu que estava morto o seu bom rei! Ajoelhou e chorou e rezou... Depois, pegou nas chaves do Castelo de Coimbra com respeito encaixou-as nas mãos geladas e hirtas do seu rei: e só depois disso é que tornou a pegar nos chavões outra vez.

— E que lhes fez, Sr.ª Maria? — preguntou Vera.

— Foi entregá-las ao novo rei, como era o seu dever: visto que morrera D. Sancho II.

— Se todos os amigos de D. Sancho tivessem sido assim leais, quem sabe se êle nem teria ido morrer a Espanha? — observou José Manuel.

— Lá disso não sei: mas o que sei e o que digo aos meus meninos, é que Martim de Freitas, *o alcaide de Coimbra, é um dos homens mais leais que houve em terra portuguesa!*

O SEGREDO DE CLARINHA

I

— A que se brinca agora? — preguntou João, que tinha nove anos.

ZECA *(irmã mais nova)* — Aos ladrões!

QUIM — Isso já não se usa: às touradas!

MARIA AMÉLIA *(desdenhosa)* — Touradas! Quem é que se importa com touradas?

FERNANDO *(indignado)* — Importo-me eu! e tôda a gente portuguesa como eu!

CLARINHA — Você diz isso porque vive no Ribatejo; mas quem é de Lisboa já gosta mais da bola.

MANUEL JOÃO — Uma boa tourada num dia lindo, com o Núncio ou o Simãosinho, oh, não há coisa mais linda, Clara! *(Manuel João era o mais velho do alegre rancho, e já fizera o 6.º ano do liceu.*

CLARINHA — E' bonito, é. E do que mais gosto é de ver a coragem leal dos cavaleiros portugueses montados nos seus lindos cavalos de raça!

JOÃO — Mas afinal a que é que se brinca?

ANGELICA — Podiamos arranjar uma espécie de torneio! Além, no mirante, era a tribuna de honra, com as damas da Idade Média... *(Gargalhadas acolheram a idéia).*

ANGELICA *(melindrada)* — Porque riem, patetas?

MANUEL JOÃO — Talvez não saibam o que é a Idade Média.

ANGELICA — É o mais certo. Pois era uma brincadeira divertida, fiquem sabendo. Os cavaleiros do torneio combatiam com grandes lanças...

CLARINHA — Que é das lanças, que é dos cavalos, que é de tudo, Angelica?!

ANGELICA — Para isso é que serve a imaginação, Clarinha! Cá em tua casa há baús e baús cheios de coisas antigas, bem sabes! E até armaduras de papelão, do Mário, eu lá vi um dia.

MÁRIO *(enjoado)* — Está tudo escangalhado.

(Clarinha sorriu).

ANGELICA — E as damas da côrte, com grandes chapéus de bico...

MARIA AMÉLIA — Talvez seja engraçado.

ZECA — Eu não acho graça nenhuma a êsse jôgo.

JOÃO — Nem eu.

FERNANDO — Eu gosto porque se parece com touradas.

ANGELICA *(explicou)* — Vocês os mais pequenos escusam de entrar: ficam a ver o torneio. *(espevitada)* — Anda, Clarinha, vamos ter com a Perpétua para ela nos dar fatos e coisas: a tua madrasta importa-se? *(acrescentou baixinho).*

(Uma nuvem escureceu o olhar de Clarinha).

CLARINHA — Talvez... Mas vamos na mesma. E vocês cinco, Maria Amélia, Manuel João, Fernando, Vasco e Mário, venham connôsco, sim? Logo se vê o que podemos arranjar.

Era uma casa enorme, aquela. Velho palácio de Alfama, com salões de tectos de madeira, em cujas paredes grandes painéis de azulejos azuis descreviam vidas de santos. O conde, pai de Clarinha, morrera havia anos: pouco tempo depois de ter casado em segundas núpcias com uma senhora da provincia e de ter nascido Mário. Infelizmente Clarinha, que tinha então quatro anos não gostava da madrasta; e a nova condessa não conseguira dominar aquele génio pouco fácil, Todo o seu amor, aliás, todo o seu carinho, iam para o pequeno Mário; criança loura e linda, mas de indole pouco simpática. Clarinha, de feitio orgulhoso, fechara o seu coração cada vez mais, e não se sentia feliz apesar do luxo que a rodeava.

ANGELICA *(gritando)* — Perpétua! Perpétua! *(entrando à frente do rancho na vasta sala de costura).*

A velha Perpétua, sentada no vão da janela a coser roupa, levantou-se, casmurra.

CLARINHA — Vai abrir os baús, queremos fatos e trapalhadas.

PERPÉTUA *(receosa)* — E a senhora condessa é sabedora?

MÁRIO — Mando eu, pronto.

PERPÉTUA — Será bom o menino ir então preguntar à sua mãezinha.

Mas nesse momento ouviram-se passos perto da porta e a condessa apareceu no limiar.

CLARINHA — Minha mãe, queriamos fatos antigos e coisas para arranjar uma brincadeira.

A CONDESSA — Porque não, minha filha? Perpétua, vá buscar as chaves das arcas.

Que preciosas coisas sairam dos velhos baús! Ali havia de tudo: fatos e rendas, plumas e espadins! E o rancho surgiu daí a horas, equipado para o alegre torneio. Cavaleiros emplumados empunhavam, segurando as suas lanças, escudos de papelão; e as damas de saias roçagantes, as cabeças cobertas de estranhos toucados, instalavam-se na tribuna-mirante com grande ar de dignidade. Até os dois burros do vizinho-hortelão, emprestados para o torneio, pareciam corsèis de boa raça, enfeitados e cobertos com colchas de ramagens! Mário, tocando corneta, anunciava as várias partes daquele espectáculo. E foi uma tarde animadissima, aquela! Os risos ecoavam alegres, pelo grande jardim de outros tempos...

II

A condessa, madrasta de Clarinha, via, com desgôsto, que não conseguia fazer-se amar da sua enteada. Clarinha fechava a sua alma por tal forma, que a condessa não conhecia, sequer, os seus pensamentos. Como era injusta a pequena! E, o que era pior, esta estranha maneira de sentir prejudicava a sua educação, isolando-a da boa madrasta, que era uma senhora instruida, capaz de lhe dar lições e conselhos. Uma tarde, no jardim, a condessa chamou Clarinha.

A CONDESSA — Minha filha, tens já treze anos feitos, a tua educação não pode continuar assim.

CLARINHA *(casmurra)* — Porquê, Mãe? Todos os dias dou lições.

CONDESSA *(calma)* — Não te irrites, Clarinha; só falo pensando no teu bem. E como a responsabilidade da tua educação é minha, vou tomar resoluções sôbre o assunto.

CLARINHA *(curiosa)* — O que será?

CONDESSA — Olha, filha, para que vejas bem quanto o meu desejo é ser-te agradável e não te contrariar, dou-te a escolher entre duas soluções...

CLARINHA *(impertinente)* — E se nenhuma me agradar?

CONDESSA *(grave)* — A isso não atendo, minha filha: visto que uma delas tem de se fazer. Não podes ficar sem a instrução própria duma senhora.

CLARINHA *(amuada)* — Mas...

CONDESSA *(com energia)* — Ouve-me primeiro: depois falarás. Posso meter-te num colégio religioso: o das Irmãs de S. José de Cluny, por exemplo...

CLARINHA — Detesto colégios.

CONDESSA — Por saber isso é que lembro a outra solução: mandar vir para cá uma senhora de quem me falaram, muito fina e instruida, para dirigir a tua educação.

CLARINHA — Detesto mestras estrangeiras.

CONDESSA — Há óptimas e há péssimas, como em tudo. Mas esta senhora de quem me falaram não é estrangeira: é de Lisboa.

(Continua no próximo número)

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

As Filiadas da Colónia de Férias da M. P. F. em Viseu publicaram *«Dia Sim, Dia Não»*, um jornal a que deram êste nome.

Jornal alegre de raparigas, a que não faltou uma «secção humorística», nem, em «artigo de fundo», ideias *«Em profundidade»*.

Este jornal, que fez as delícias da «Colónia» e nos revelou «jornalistas» de valor, deu-nos a nós, que lá não vivemos, ideia do que foram êsses dois meses de férias movimentadas e felizes, onde o sol da graça brilhou tanto como o sol pelo qual bemdizemos o Senhor em cada manhã.

Vamos fazer algumas transcrições, com pena que a falta de espaço não nos permita alongarmonos mais.

Em profundidade...

Há pelo mundo fora tanta miséria! Tanta dor na alma, tanta chaga nos corpos! Fizeste alguma vez, dolorosamente, com a alma tôda, a Via-Sacra de tanta miséria?

Dá-te aos teus irmãos...

É um dever de justiça.

Dá-lhes a esmola, a esmola dum coração que sofre com êles.

Dá-lhes em espírito o teu apoio... o teu amor... e com Cristo, a maior presença, dá-lhes a tua presença...

A visita de sua Ex.ma Reverendíssima o senhor Bispo de Viseu

Ontem, 12 de Agôsto, tivemos a honra de ser visitadas por Sua Ex.a Rev.ma o Senhor Bispo de Viseu. Em tôdas vós, com certeza ficou gravada a mesma impressão que em mim. Senti com a sua presença um contentamento íntimo que mais se acentuou com a simpatia e simplicidade que dêle emanavam e com as palavras carinhosas que a tôdas dirigiu.

Um pão, ou um lírio?

Não estranhes a comparação, e não penses nada, antes que eu te confie o conceito que a inspirou.

É um provérbio árabe, que reza assim: Se tiveres três pães, vende um e compra um lírio.

E agora sim, pesa-o bem, e dize se o não achas belo.

...Um pão por um lírio...

Um pouco de bem-estar por um bocadinho de beleza: poesia duma flor, no meio da proza rotineira da vida burguesa e sem conseiras.

Prefere sempre essa flor, que pode durar apenas instantes... dá por ela um pão, embora fiques com fome, com suor no rosto, ou as mãos sujas de terra... dá-o sempre, a trôco do lírio imaculado, que nascerá na tua alma, a cada renúncia feita a sorrir...

Na festa da Colónia — Dansando o Vira

Na quinta de Margarelos

Acampamento

Foi maré alta de entusiasmo, o dia de ontem, o dia do nosso primeiro acampamento. Preparação activa durante tôda a manhãsinha e à hora marcada lá partimos, de sacos às costas, chapéus de palha na cabeça, gargantas afinadas e pés ligeiros.

O colorido do grupo, a frescura das vozes em côro, a boa ordem da marcha rápida, deixava as gentes do campo paradas dos seus trabalhos, sorriso de simpatia nos lábios, olhares a alongarem-se até desaparecerem as últimas na curva da estrada. E diziam ao verem os sacos e as pás às costas (vão para o volfrâmio...) Chegamos à Quinta da Cruz, onde o nosso acampamento se devia alojar. Num largo, logo à entrada, cantámos o Hino à Cruz, em frente de um singelo Cruzeiro. A marcha foi retomada. Reparàmos no aspecto solarengo da casa com um jardim fronteiro a uma explêndida mata com bancos convidativos e recantos aprazíveis.

Embrenhámo-nos na mata em busca de lugar propício ao nosso acampamento.

Uma vez instaladas, começaram os trabalhos sob a direcção das instrutoras da Colónia. Primeiro, o almôço: acenderam-se os fogões, fizeram-se cestos, prepararam-se as panelas, foi uma azáfama tôda a manhã. Depois de um ruidoso almôço arrumou-se tudo, e começaram os jogos, as danças, fez-se uma exposição de plantas, cantámos folgámos. O lunch foi acrescido com um explêndido presente de abrunhos, amabilidade dos donos da quinta. Ao fim da tarde lá conseguimos arrancar. Fez-se a entrega da bandeira da Mocidade que os donos da quinta nos haviam emprestado e perante êles desfilámos cantando o nosso Hino.

Regressámos cheias de pena que tão belo dia tivesse terminado.

Festa de despedida

Realizou-se, com grande brilhantismo, a Festa do 1.º turno da Colónia de Viseu.

Nela teve lugar a inauguração de um aparelho de rádio-televisão. O espectáculo começou às 8 horas, com o hino da Mocidade entoado pelo magnífico orfeão privativo da Colónia. Seguiram-se, interpretadas a primor, várias danças regionais e clássicas que arrancaram ao público, que enchia por completo a sala, os mais vibrantes aplausos. Houve recitativos, entre êles o duma pequenina colaboradora que gentilmente pôs o seu talento ao nosso dispôr, números orfeónicos, vários trechos de música seleccionada e a interpretação perfeita e comovente — bailaram lágrimas nos olhos dos assistentes — da peça «O Milagre das rosas».

Causou vivo interêsse a entrevista concedida pelo Anão Perlim-pim-pim das pernas curtas que, num gesto simpático que nos enche de orgulho, se dignou descer das regiões etérias onde paira permanentemente para aterrar na mêsa que de ante mão lhe foi designada.

A Festa terminou com a apresentação, pela primeira vez, da já célebre Marcha da Colónia, seguida do Hino da Mocidade.

O chá, que foi oferecido gentilmente pelas Irmãs Doroteias, terminou pouco depois da meia noite, encerrando assim um dia agradável que por muito tempo nos lembrará.